

Ministério da Cultura e ALMA apresentam
A ALMA MOSTRA SEU TEATRO.
O TEATRO MOSTRA SUA ALMA.



O TEATRO MOSTRA SUA ALMA - A ALMA MOSTRA SEU TEATRO

o teatro e o sagrado: a máscara e o espelho na arte do encontro ou a busca da beleza no humano

Por José Maurício Cagno

A ALMA HUMANA NO TEATRO

Nestes mais de quarenta anos vivendo de teatro – e vivendo o teatro –, sempre o compreendemos como um caminho de realização humana. Uma arte tão antiga que nunca se fecha sobre si mesma, mas que se abre, continuamente, a novas perspectivas e possibilidades de descobrirmos e construirmos a nós mesmos. Por isso a consideramos a mais humana e abrangente de todas as artes.

Dizemos “a mais humana” porque o teatro tem, como suporte de sua feitura, o próprio humano em sua totalidade: corpo, voz, sentimentos, pensamentos e palavras.

Seu instrumento é toda a nossa interioridade e exterioridade. Não é na pedra, no metal, no papel, na tinta, no pano ou em instrumento musical que essa arte se realiza e se expressa, mas no artista – ator ou atriz – em quem ela se encarna e se manifesta.

Dizemos “a mais humana” porque o teatro, desde sua origem, em todas as culturas e até hoje, trata de uma única e mesma matéria, de um único conteúdo: o ser humano, em todas as suas dimensões. Não existe um teatro que trate apenas da rosa, da primavera, das estrelas ou de qualquer outro aspecto da existência sem ter o ser humano como eixo de reflexão.

Mesmo quando aborda questões sagradas e religiosas, estas sempre trazem a humanidade como parte essencial na discussão do transcendente. Não há um teatro puramente abstrato, em que se apresentem apenas formas, cores, sons e impressões: o que sempre nos é mostrado – seja na mais leve comédia de costumes, seja na mais densa e obscura tragédia – é a concretude do ser humano, em todos os seus matizes e vivências.

Dizemos “a mais humana” porque o teatro só acontece entre pessoas (*personas*): ator e personagem; atores e atores; atores e plateia. É nessas relações diretas – face a face, olho no olho, voz e ouvido, pensamento e emoção no aqui e agora – que essa arte tece a máscara/rosto, o espelho/reflexo do ser humano.

E, por fim, dizemos “a mais humana” porque, além da expressão corporal — que a dança também apresenta —, o teatro trabalha com aquilo que talvez mais nos defina como humanos: a palavra. Não apenas a palavra escrita, nem apenas a conceitual ou intelectual, mas a palavra que, inventada na dramaturgia, é (re)inventada e (re)encarnada a cada dia no todo de um ser humano disposto a vivenciá-la.

Dizemos ainda “a mais abrangente” de todas as artes porque nela todas as outras manifestações artísticas se encontram e se fundem para que uma mesma obra se realize. O teatro – arte cênica por excelência – acontece na expressão do corpo e da voz; na arte da palavra e da escrita; na música incidental e na canção; nas artes plásticas sob diversas formas – figurino, maquiagem, iluminação, adereços – e até na arquitetura, que se faz presente nas estruturas cenográficas. Todas essas artes, quando se encontram no teatro, tornam-se uma única manifestação.

Podemos acrescentar que a filosofia, a política, a sociologia, a psicologia, a história, a religiosidade e a própria ciência também se fazem presentes nos espetáculos teatrais. Afinal, tratando-se de discutir e refletir sobre o humano, essas áreas – que constituem fundamentos da humanidade – tornam-se igualmente fundamentos sobre os quais essa arte se desenvolve ao longo dos séculos.

Por todas estas razões é que compreendemos o teatro como uma atividade que nos imerge naquilo que podemos nominar como ***dimensão total do humano***.

Por todas essas razões, compreendemos o teatro como uma atividade que nos mergulha naquilo que podemos chamar de dimensão total do humano.

Um fazer que privilegia todas as camadas do ser; uma busca constante pela própria face na relação com a face do outro; um acolhimento de todos os tons e matizes que compõem as possibilidades da beleza: do horror ao mais sublime, do riso leviano ao desespero dilacerante. Enfim, uma arte que nos permite conhecer o que somos em todas as nossas dimensões: física, psíquica, espiritual, social e ecológica. É assim que as possibilidades poéticas do teatro se realizam.

UMA OPÇÃO PELA HUMANIDADE

Aqui afirmamos que nossa concepção de teatro se inscreve neste mundo, neste momento histórico, nesta sociedade contemporânea – e se pretende, sim, como uma opção de leitura da vida, de afirmação de valores, de compreensão e de resgate do que somos enquanto humanos.

Neste ponto, enfatizamos que o uso reiterado do termo *humano* não foi por acaso nem por falta de repertório, mas porque compreendemos, enquanto artistas e educadores, que esta atividade – o teatro – é ponte que pode nos (re)ligar uns aos outros, a nós mesmos, à natureza e ao Sagrado

Vivemos numa época em que o ser é reduzido ao *tecnologismo* de um consumo midiático cego e acrítico; numa hora em que a consciência humana – talvez a maior beleza do universo – é rebaixada a uma “coisa” chamada inteligência artificial (IA); em um momento em que avançamos a galope na negação da vida humana, dando preferência a *pets* e bebês-robôs. Enfim, num tempo em que se cumprem as previsões de profetas do século passado – Chaplin, Huxley, Orwell – propomos aqui a arte do teatro como possibilidade de (re)humanização.

Para além das ideologizações redutoras, das mesmices da indústria da cultura, das espetacularizações do sucesso fácil, da reprodução de modismos, dos efeitos piro-tecnológicos mirabolantes, dos risos apelativos e baratos e dos horrores banalizados.

Neste futuro que já chegou – mas que insiste em reafirmar os valores degradados do passado, como a guerra, a violência, o consumismo desbragado, a hipervalorização do dinheiro e dos bens materiais, a destruição da natureza, a opressão e a exclusão de milhões de pessoas, o preconceito e a intolerância –, propomos, no **Teatro da Alma**, algo simples: o encontro do humano com o humano, da pessoa com a pessoa, num resgate essencial do que é esta arte.

A busca e o encontro do Sagrado, as questões existenciais profundas, a luta pela justiça e pela equidade social, o acolhimento das diferenças, os valores afetivos, o respeito por toda forma de vida, a celebração da alegria, a promoção do belo, do bom e do verdadeiro, o acolhimento e a sublimação de todas as dores humanas, a confraternização na paz, a ampliação do entendimento crítico, a inventividade como forma de transcendência criativa, a formação de uma humanidade plena em seus mais elevados potenciais — este é o sonho e o cântico do teatro desde os primeiros passos na Grécia antiga, nos tempos da *paideia*.

Este é o sonho e o cântico no Teatro da Alma.

E para finalizar — pois ainda teríamos muito a dizer — parafraseamos o poeta:

Trazemos em nós todas as faces da humanidade. Trazemos em nós a face de Deus!

UMA VIVÊNCIA QUE SURGE (de) E GERA (uma) REALIDADE ARTÍSTICA

O Teatro da Alma pretende ir fundo na alma humana. E como mergulhamos com nossos alunos no fazer teatral?

O primeiro ponto essencial é que praticamente todas as pessoas que se inscrevem em nossas oficinas são aceitas para o trabalho (salvo raras

exceções). Ou seja, não há, a priori, uma “seleção” ou pré-requisito, apenas uma entrevista, uma carta de intenções e o desejo real de viver a experiência do teatro.

A seleção acontece de forma orgânica e natural ao longo das aulas, quando aqueles que se identificam com os processos permanecem. Todo ser humano, toda humanidade, todas as diferenças e possibilidades são a matéria-prima que iremos trabalhar na construção de um grupo e de futuros espetáculos.

Isso não significa que o Teatro da Alma seja um teatro que possamos chamar de ‘inclusão social’, no sentido de que a excelência artística seja colocada em segundo ou terceiro plano. Não. A busca pela qualidade, o rigor na feitura da arte, o nível de exigência artística vêm, sim, em primeiro plano, junto com a compreensão e o acolhimento do humano. As duas coisas caminham juntas em nosso processo.

O segundo ponto na valorização do humano em nosso trabalho é que, na prática de dinâmicas, exercícios corporais e vocais, improvisações, criação individual e coletiva de cenas – enfim, naquilo que chamamos técnicas teatrais – respeitamos o avanço de cada um e do grupo, ou seja, o tempo orgânico de realização dos processos.

Dessa forma, pela experiência, o aluno aos poucos vai se revelando e se superando nas habilidades desenvolvidas, e a pessoa em si começa a desabrochar, a descobrir possibilidades, a resgatar a teatralidade inerente ao ser humano, a “jogar” o jogo dramático e teatral.

Assim, começa a se formar em cada participante a consciência de que, no teatro, o ator ou atriz é o eixo de toda a “invenção” artística a ser realizada; de que não existe apenas uma forma de fazer esta arte; e de que, apesar de trabalhar com direção e coordenação, nada lhe será entregue pronto – tudo será construído em um processo de cooperação e encontro.

Descubro-me como verdadeiro protagonista da ação. Construo-me na relação direta com o outro – personagem, ator, diretor, plateia.

Percebo que todas as minhas potências humanas – físicas, psicológicas, espirituais e sociais – serão sempre a base de todos os trabalhos e que essas potências, na medida da minha dedicação e interesse, podem ser constantemente desenvolvidas, numa possibilidade contínua de redescoberta e reconstrução do humano em mim.

Finalmente, para cada um dos quatro grupos do Núcleo de Teatro da Alma, esse processo é desenvolvido de maneira específica, com objetivos artísticos e pedagógicos definidos e aplicação de técnicas próprias, apropriadas para cada faixa etária e momento de formação.

OS NOSSOS GRUPOS

I - PROFISSIONALIZANTE

Este foi o primeiro grupo a ser formado no Núcleo de Teatro da Alma e tem como objetivo atender e desenvolver a formação de jovens entre 16 e 30 anos que desejam se tornar artistas profissionais de teatro. A principal ideia é prepará-los para que alcem voos em suas vidas, em seus sonhos — vários deles já voam alto nestes 10 anos.

Este grupo é desdobrado em dois subgrupos:

- Iniciação, com duração de um ano, que no primeiro semestre introduz os rudimentos básicos do fazer teatral e, no segundo semestre, realiza um trabalho de imersão no que chamamos de “elementos da natureza” — linguagem que visa o desenvolvimento de bases orgânicas para o ator ou atriz.
- Avançado, que se estende por pelo menos dois anos (podendo ser mais, a depender do estudante), onde a linguagem dos “elementos da natureza” é aprofundada e aperfeiçoada a fim de se tornar fundamento do processo de criação artística do ator ou atriz, bem

como base para o desenvolvimento de personagens nas montagens realizadas.

Nessa etapa, os jovens já participam de espetáculos com apresentações públicas, podendo vivenciar todas as fases dos processos das montagens, sejam óperas ou peças teatrais.

Aqui, os alunos se descobrem como verdadeiros **coautores e protagonistas** na elaboração dos trabalhos a serem apresentados. A direção parte do material desenvolvido nos meses de curso – resultado das vivências com os “elementos da natureza”, das bases orgânicas e das partituras corporais e vocais – para então compor as cenas dos espetáculos.

É um verdadeiro processo conjunto de construção artística, no qual todos os seres humanos envolvidos se descobrem **essenciais**, e não meros repetidores de fórmulas prontas ou impostas.

UMA NOVA LINGUAGEM NA BUSCA DO HUMANO TOTAL

**(os elementos da natureza – da terra ao sagrado ou
satiuaracogaviborbofanticoloca)**

Entre os anos de 2007 e 2013, coordenamos e dirigimos um grupo de experimentação teatral – o NIT, Núcleo de Investigação Teatral – dedicado à busca e construção de uma nova linguagem para o teatro.

Por mais de quatro anos, em pelo menos três encontros semanais de três horas, com longos momentos de imersão junto à natureza, um grupo composto por vários atores e atrizes – número que variou de 18 a 8 pessoas – mergulhou de forma inédita em dinâmicas e exercícios corporais e vocais que propunham os elementos da natureza como nova base orgânica para o trabalho do ator ou atriz.

Partindo da terra, da água, do fogo, do ar e da luz, chegamos até o

sagrado. Nessa verdadeira jornada experimental artística, descobrimos e construímos em nós mesmos uma nova linguagem, que nos serviu (e ainda serve) de base para a elaboração de personagens e espetáculos.

Em uma sociedade quase toda urbanizada, entre asfalto e cimento, num processo gradual de destruição da natureza e de “virtualização” da vida, esse trabalho foi o que podemos chamar de uma “ecologização” da arte teatral: não por tratar de temas ecológicos, mas por nos reconectarmos a nós mesmos enquanto natureza pulsante e esquecida em nossos corpos e vozes.

Vivenciar a terra, a água, o fogo, o ar e a luz em nossos ossos, nervos, músculos, pulsar do coração e ritmo respiratório, de forma profunda e sistemática, além de abrir um novo caminho para a invenção artística, nos conduziu ao sagrado presente em nós e em todas as nossas relações. Certamente, nos redescobrimos e reinventamos enquanto seres humanos.

Experiência única e inesquecível!

A vitalidade da presença do ator ou atriz no palco saltou aos nossos olhos. Após tantos anos de dedicação, éramos, sim, novos artistas em cena. Mas não podíamos ficar apenas nas experiências e, então, passamos a sistematizar esse novo processo orgânico, encontrando em princípios técnicos – que pudemos apreender em oficinas teatrais com o grupo dinamarquês *Odin Teatret*, seus integrantes e o diretor Eugenio Barba (*1936) – elementos que nos ajudaram a avançar muito na construção dessa nova linguagem que surgia.

O resultado de tudo isso foi o espetáculo *Dos Pés Feridos aos Pés Alados* – adaptação da trilogia de Édipo Rei de Sófocles – que apresentamos mais de 50 vezes em Ribeirão Preto e região. As coisas faziam sentido concreto e comunicativo para todos que nos assistiram.

O grupo, porém, se desfez, e a nova linguagem adormeceu — ou continuou ecoando individualmente em alguns integrantes da trupe — até que, em 2015, ao sermos convidados para coordenar o Teatro da Alma,

trouxemos conosco dois participantes daquela experiência: Gracyela Gitirana e Joubert Oliveira, professores do Grupo Profissionalizante da Alma. Assim, temos reaplicado, com nossos jovens artistas, nestes 10 anos, todos os aprendizados daquele processo.

A linguagem que denominamos “elementos da natureza” se ampliou e foi experimentada em várias montagens de teatro e ópera – drama, comédia, tragédia, poética – e se revelou, na Alma, um forte instrumento artístico de formação para jovens atores e atrizes, reunindo o que há de mais contemporâneo no teatro às raízes bem fundamentadas na tradição e história desta arte milenar.

Hoje, após tantos anos de estudo e prática, podemos afirmar – sem grandes pretensões – que todo esse processo artístico do fazer teatral vai além do que se chama “teatro físico” e se encaixaria mais numa proposta que busca um teatro de formação **total** para o **ser humano**.

(Todo esse processo de linguagem com os elementos da natureza será demonstrado na prática e debatido em uma aula aberta que ocorrerá como parte da Mostra.)



ESTES JOVENS MARAVILHOSOS E SUAS ASAS VOADORAS

Muitos jovens artistas floresceram neste grupo: alguns atuando em Ribeirão Preto e região, outros em capitais, e há ainda quem arrisque voo internacional nas asas desta arte universal, além daqueles que ingressaram em universidades de Artes Cênicas.

Poderíamos citar muitos nomes, mas destacamos aqui: Rafael Del Marques, Bethânia Machado, Jean Barros, Bianca Nardini, Rafael Correia, Leonardo Barros, Orion Miguel, Guilherme Tsuji, Marcos Poellnitz, Gabriel Amaral, Arthur Diniz, Wigna Alves e Leo Zampiere (pedimos desculpas pelo eventual esquecimento de alguém).

Apontamos, de forma especial, Luana Terçariol, que há seis anos atua como atriz neste grupo e se tornou professora de teatro do Grupo de Adolescentes formado em 2024 no Núcleo de Teatro da Alma.

Damos destaque também a Leonardo Sidney, que fez teatro por sete anos no Colégio Auxiliadora, sob a orientação do professor José Maurício Cagno. Depois, integrou o grupo da Alma por pelo menos quatro anos e se projetou na cena artística de São Paulo, tendo conquistado, há três anos, uma das raríssimas bolsas integrais de estudo na Escola *Stella Adler Studio of Acting*, em Los Angeles, EUA.

Esse centro de formação para artistas de teatro, fundado em 1949, é certamente um dos mais importantes do mundo para atores e atrizes.

Além dessa grande conquista, Leonardo — nosso querido Leo — recentemente conquistou o papel protagonista de Romeu na montagem clássica de *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, espetáculo de formatura da escola, e segue se apresentando em diversos festivais norte-americanos de teatro.

DA MORTE À VIDA SEVERINA – UMA ODE AO HUMANO!

Na década de 1950, Maria Clara Machado (1921–2001), mulher fundamental para o teatro no Brasil, pediu ao grande poeta João Cabral de Melo Neto (1920–1999) um Auto de Natal. Ele então, como gênio poético, escreveu o texto *Morte e Vida Severina*.

Desde então, este poema teatral se tornou um clássico da dramaturgia e da literatura brasileiras, além de ser um dos textos mais representados por todo o país. Seja ganhando prêmios internacionais, tornando-se minissérie na TV, em grandes montagens profissionais ou em representações amadoras e estudantis, este auto de Natal pernambucano continua vivo e atual, nos fazendo refletir sobre as mais variadas faces da existência humana.

Como um dos maiores poetas brasileiros – e mesmo do mundo – e representante legítimo da chamada terceira fase do modernismo, João Cabral nos apresenta, inicialmente, uma realidade de cunho regionalista e social, partindo da vivência do migrante miserável do sertão nordestino. A falta de trabalho, as condições precárias de um viver que não alcança sequer os trinta anos, a exclusão social, a ausência de perspectivas dignas levam nosso Severino a uma peregrinação em busca de alguma vida que lhe dê qualquer forma de esperança. Porém, quanto mais busca essa vida, mais morte encontra pelo seu duro e árido caminho. O que lhe resta é “saltar para fora da ponte e da vida” – a desesperança e o suicídio.

De maneira inesperada, no entanto, algo brota deste chão aparentemente estéril e se afirma como o maior dos valores a serem cultivados: a vida humana. Ela se reinventa teimosamente e se refaz a cada situação, por mais improvável e absurda que seja. A **criança eterna** que nos chama sempre a um renascimento existencial, espiritual e social, lembrando-nos quem realmente somos.

Como em vários exemplos da arte e da literatura, aquilo que parece ser apenas regional, por ser fruto do gênio que capta e traduz o *logos* (λόγος) da existência, torna-se, com o passar do tempo, um espelho maior que

abrange as diversas camadas da jornada humana no chão áspero deste mundo.

Nos últimos quarenta anos, nosso amado Severino assume, pelo mundo todo, o rosto de milhões de seres humanos errantes e migrantes nos (des) caminhos da contemporaneidade – frutos abortivos de uma sociedade globalizada que insiste na brutalidade das guerras, da violência banalizada e falsamente justificada por ideologias políticas, religiosas e econômicas, desprovidas e vazias de qualquer valor humano maior – vide *O Sal da Terra*, filme de Wim Wenders que retrata a vida e obra do fotógrafo maior Sebastião Salgado (1944-2025).

Como clássico que se fixa para além de seu tempo e lugar, nosso pequeno e humilde Severino torna-se também reflexo do deserto existencial da alma humana na atualidade.

Vivemos tempos de pulverização dos valores humanos, de relativismos morais, de niilismos inconsequentes, de pseudo e redutoras tentativas de afirmações identitárias; tempos de esvaziamento do “espírito humano” – leia-se no sentido mais amplo do termo.

Em uma época em que jovens, bombardeados pelos intermináveis apelos da mídia, não conseguem mais se conhecer minimamente e optam pela automutilação e pelo suicídio; em tempos em que as relações humanas são reduzidas ao consumismo e ao prazer imediato e descartável – enfim, nestes tempos atuais – podemos afirmar que o nosso Severino migrou também para o que chamamos de uma “geopolítica interior”, em busca de sentidos mais amplos para a humanidade.

É dentro dessas perspectivas – **regional, mundial e existencial** – que hoje apresentamos, com os jovens do nosso Grupo Profissionalizante, um Severino que percorre os vários rios da morte do século XXI, para reafirmarmos (e sempre o faremos) a nossa opção clara e inequívoca, como artistas e educadores, pelos valores mais elevados da VIDA HUMANA!

Cada um dos espetáculos da Mostra foi elaborado dentro de uma linguagem específica; ou seja, cada texto e cada grupo demandou uma abordagem estética adequada à discussão desenvolvida.

Para *Morte e Vida Severina*, que aborda a aridez, a dureza, o desespero e a angústia existencial e social, fizemos uma leitura que podemos chamar de expressionista, pois é carregada de partituras corporais, da palavra acentuada e marcada de forma forte e até agressiva, dos sons guturais da alma, e do contraste entre a luz do sol ardente e a escuridão interior da personagem.

As falas foram compostas a partir de mergulhos em imagens interiores no universo do imaginário e se expressam de maneira frontal e contundente diante da plateia.

II – ADOLESCENTES/INICIAÇÃO

Grupo formado em 2024, com o objetivo de acolher jovens entre 13 e 16 anos que demonstram desejo de fazer teatro. Aqui, compreendemos o fazer teatral como um processo de arte-educação, em que as atividades buscam desenvolver potencialidades humanas essenciais para o amadurecimento futuro dos estudantes, tanto enquanto pessoas quanto possíveis artistas de teatro.

São muitas as potências ampliadas e desenvolvidas nesse processo, como: socialização (aprender a trabalhar em grupo – inteligência interpessoal); desinibição e autoestima (inteligência intrapessoal, tão importante nessa fase da vida); campo da invenção e criatividade artística; arte da fala e oratória (capacidade de se comunicar em público); senso estético (noção fundamental para a vida e diversas profissões); inteligência espacial; e interpretação de texto (um texto vivenciado de dentro para fora).

Todo esse desenvolvimento ocorre também por meio de jogos dramáticos e teatrais, trabalhos de expressão corporal e vocal, improvisações



individuais e coletivas, vivências e reflexões sobre as realidades próprias de seus momentos de vida – tudo conduzido por profissional que compreende os meandros do universo teatral e da formação humana por meio da arte.

UMA VIAGEM COM ALICE PELO PAÍS DAS MARAVILHAS DE SI MESMA

Este grupo, em seu segundo ano de atividade, já apresenta, em forma de espetáculo, os primeiros frutos de seu trabalho. Trata-se de uma peça adequada para a idade, em que reflexões sobre o ser humano são o eixo central da discussão proposta:

Quem sou eu? O que quero da minha vida? Como lido com a passagem do tempo que me faz adulto? Quais morais estabeleço como base das minhas relações? Quais julgamentos faço da realidade que me cerca?

Adaptada do texto original de Lewis Carroll (1832-1898), este clássico — precursor da psicanálise — nos ajuda a unir a arte teatral e a função pedagógica de formação do jovem em uma viagem instigante e inesperada, aparentemente ilógica, mas repleta de razões, pelos interiores da alma de uma menina que está deixando de ser criança e se tornando adulta.

Esse espelhamento do *ser* acontece por meio da relação com várias personagens simbólicas nesta busca por si mesma — coelho, lagarta, gato, duquesa, chapeleiro, rato, rei e rainha de copas, entre outros — e, de forma quase labiríntica, caminhamos neste mergulho encantador com a querida (ou seriam queridas?) ALICE!

Entrar no *País das Maravilhas* de Alice é mergulhar no inconsciente de uma jovem que, em uma viagem onírica, lida com muitos símbolos que carregamos em nós e que usamos para estruturar nossa identidade.

Dessa forma, podemos chamar nossa leitura neste espetáculo de simbolista, pois nos abstermos de tudo que remeta ao realismo, para criarmos, no escuro e no vazio do palco, imagens de objetos e personagens que se sobrepõem aparentemente de maneira ilógica, construindo uma ponte que permitirá à protagonista alcançar a outra margem de sua consciência.

Aproveitamos também, nesse processo, a energia própria desses jovens atores e atrizes para “jogarmos”, como uma verdadeira brincadeira, na elaboração das cenas e das relações.

III – 40, 50, 60+ — UM SONHO QUE SE REALIZA

Formado também a partir de 2024, este grupo é fruto de um sonho que trazíamos há muito em nosso coração: dividir com pessoas mais maduras as riquezas colhidas em tantos anos de teatro, possibilitando a elas, em suas histórias já estendidas no tempo, elementos que as ajudem a aprofundar seu autoconhecimento e permitam uma ‘reinvenção’ de si mesmas.

Ao longo do tempo, como ator, diretor, dramaturgo e professor teatral, vivenciamos a força de realização humana que esta arte proporciona. Percebemos, por experiência, que o teatro expande nosso ser em todas as dimensões que o constituem: **físicas** (autoconsciência corporal e vocal), **psíquicas** (imaginativas, emocionais, cognitivas, afetivas), **sociais** (ética, moral, relacionamento/empatia, trabalho em grupo, política) e **existenciais/espirituais** (valores, leitura e compreensão crítica do mundo, intelectuais, intuitivas, inventivas/criativas, transcendentais).

Aprendemos também, de forma concreta, que só existimos e somos a partir da e na relação com o *Outro*. Resumidamente: minha personagem depende da sua; sua fala depende da minha; nós, enquanto atores, dependemos uns dos outros e, juntos, dependemos da plateia. Tudo no teatro é relação com o outro que não eu mesmo, espelhando assim a realidade fundamental da existência – o EU e o TU, nas palavras do filósofo Martin Buber (1878-1965).

Descobrimos que o teatro é sempre o jogo da *máscara* e do *espelho*, uma arte do *encontro*. Não o espelho de Narciso, que nos fecha em nós mesmos e nos afoga em nossa própria imagem — uma síndrome cada vez mais cultuada; nem a máscara que esconde e falseia o meu rosto para enganar ou vender uma imagem idealizada e falsa de mim mesmo — outra síndrome que se espalha como praga. Mas a máscara como possibilidade de vivenciar quem não sou e, assim, descobrir milhares de matizes da face que constitui o ser humano como um todo, saindo de mim para ampliar a possibilidade de quem realmente sou.

Percebemos que o lúdico é parte constitutiva de nossas pessoas e que “fazer de conta” é, na verdade, como diria Viktor Frankl (1905-1997), transcender criativamente para expandirmos a realidade, e não fugir dela. A teatralidade é inerente ao ser humano. Toda criança sabe disso. É no jogo lúdico que descobrimos, superamos e construímos quem realmente somos. Mesmo como adultos ou idosos, podemos e devemos resgatar essa capacidade de nos reinventarmos em nosso viver.

Entendemos que todas as áreas da vida e dos saberes humanos são matéria-prima para a feitura de espetáculos e, assim, a cada processo, mergulhamos de mãos dadas com cada personagem a ser (re)apresentada, (re)vivida no palco, sem distinções ou preconceitos de idade, etnia, cor, cultura, gênero, características corporais ou vocais — e damos também as mãos para aquelas personagens que ousamos antropomorfizar, como animais, elementos da natureza ou seres espirituais.

Viajamos por todos os tempos e eras e reconstruímos, na maioria das vezes com poucos elementos, no vazio e no escuro do palco, todos os mundos humanos possíveis (e improváveis).

Poucas atividades humanas – se é que alguma chega a tanto – são tão ricas no que proporcionam a quem as realiza. Foi de todas essas riquezas, recolhidas no tempo do fazer teatral, que surgiu o sonho da criação deste grupo, que agora se apresenta com integrantes que vão dos 41 aos 76 anos de idade.



UM CONTO DE FLAUTAS E CORAÇÕES

O que montar com um grupo tão peculiar, tão diferente?

A proposta foi um texto infantil para que pudéssemos resgatar, coletivamente, a criança que existe em cada um de nós.

Qual texto infantil?

Quase que imediatamente, veio ao coração uma pessoa única — dramaturgo, poeta, ator, diretor, educador, articulador e fomentador do teatro em nossa região há mais de quarenta anos — Américo Rosário de Souza. Construtor de uma experiência singular no teatro do interior do estado (e do país), Américo sempre nos inspirou com seus textos, mas um deles, em especial, fala fundo na alma: *Um Conto de Flautas e Corações*.

Escrito na década de 1980, este texto, aparentemente simples, nos transporta para uma cidadezinha como tantas deste ‘brasilzão’ adentro e nos propõe uma reflexão sempre atual.

Por estarem endurecidas e fechadas em seus corações, as pessoas do vilarejo perdem a sensibilidade e expulsam o bom velhinho tocador de flauta, pois para eles “música tinha virado barulho”.

Ao deixar a cidade, o ancião, como em tantos contos clássicos, deixa a flauta em um monumento da praça e afirma, de forma enigmática: “ficará aqui até que vocês abram seus olhos e corações”. Ninguém mais consegue pegar e tocar a flauta, e toda a alegria abandona a vida das pessoas. Tudo se torna triste, seco e sem graça.

Somos então conduzidos nesta jornada de resgate da alegria perdida, pelos sonhos de uma criança, pela esperança de um palhaço e pela fé inquebrantável de uma boa ceguinha. Eles vislumbram o que mais ninguém vê!

Assim, em meio a muitas peripécias e trapalhadas de um gato, um cachorro, uma vaca chique e um cavalo curioso; entre discursos do senhor

prefeito para uma população ‘maria vai com as outras’ e na expectativa da chegada misteriosa de um trem, acompanhamos os destinos da nossa querida cidadezinha e sua flauta.

Um espetáculo para todas as idades, feito por gente grande de várias idades, que resgata em nós a *criança adormecida*.

Desde a cena de abertura, o texto nos conduziu a uma linguagem circense. As roupas caricatas feitas de papelão, os personagens bidimensionais; o palhaço atrapalhado e seus animais divertidos; o circo dos sonhos da criança; o doutor maluco e sua paciente desesperada — todas as gags apresentadas nos fizeram conceber as cenas e personagens como tipos de clowns que, de forma divertida, nos conduzem a um riso leve e sensível.

O cômico e o ridículo de cada integrante foram convocados para compor o espetáculo e, ao lado das memórias afetivas de cada um e do desajeito destes ‘não atores e atrizes’, pudemos construir nossa própria ‘vila circense de flautas e corações’.

AULA ABERTA/DEMONSTRAÇÃO

Como parte da Mostra de Teatro da ALMA, realizaremos uma Aula Aberta com ***Demonstração dos Processos de Criação***, conduzida pelos professores José Maurício Cagno, Gracyela Gitirana e Joubert Oliveira, com a participação de todo o elenco do grupo de alunos profissionalizantes.

Este encontro tem como objetivo mostrar, de forma teórica e prática, como desenvolvemos a linguagem dos ***Elementos da Natureza*** e como essa linguagem se transforma em partituras corporais e vocais para os atores e atrizes, tornando-se a base para a criação de personagens e cenas.

Também será apresentada uma explanação teórica sobre os caminhos percorridos dentro das tradições históricas do teatro, que fundamentam essas experimentações artísticas.

REALIZAÇÕES DO NÚCLEO DE TEATRO DA ALMA 2015-2025

*2016/17 – **‘A Chama Sagrada’** (duas versões). Ópera original de José Gustavo de Julião de Camargo. Adaptação do conto homônimo de Selma Lagerlof, primeiro prêmio Nobel feminino.

*2018/19 – **‘Judas em Sábado de Aleluia’**. *Óperatro* original com libreto de José Maurício Cagno (adaptação do texto de Martins Pena) e músicas de José Gustavo Julião de Camargo e Lucas Galon.

*2020 – **Coletânea de Poesias** de Adriana Silva e José Maurício Cagno em Vídeo para abertura da Feira do Livro de ribeirão Preto.

*2021 – **Vídeo/Teatro ‘Terra Brasilis’**. Coletânea de poesias brasileiras que conta a história da nossa poesia desde a carta de Pero Vaz de Caminha até os modernistas.

*2022 – **Montagem Teatral do Espetáculo ‘Terra Brasilis’** – Abertura da Feira do Livro de Ribeirão Preto.

2023 – Participação no espetáculo de dança **‘Dom Quixote’** realizado pelo núcleo de Dança da ALMA, com Direção Artística de Marisol Gallo Antonelli.

*2024 – **‘O Jovem Rei’**. Ópera original de Lucas Galon com libreto de Lucas Galon e Paulo Veiga – Adaptação do conto de Oscar Wilde.

*2025 – **‘Um conto de Flautas e Corações’** de Américo Rosário de Souza.

‘Alice no País Das Maravilhas’ texto de José Maurício Cagno em adaptação do livro original de Lewis Carroll.

‘Morte e Vida Severina’ de João Cabral de Melo Neto.

***Espetáculos com direção artística de José Maurício Cagno**

HOMENAGENS



AMÉRICO: ESTE HOMEM DE TEATRO!

Américo Rosário de Souza, nascido em Barretos em 11/10/1946. Advogado, diretor teatral, ator, arte-educador, dramaturgo e poeta.

Começou a fazer teatro em 1965 em Barretos, sob a direção de José Expedito Marques. Já nos anos 1970, ao mudar-se para Sertãozinho, consolidou-se como grande advogado. Porém, a vocação

e a missão falaram mais alto, e ele assumiu a direção geral do Teatro Municipal daquela cidade, cargo que exerceu por 42 anos ininterruptos.

À frente dessa casa pública, realizou um trabalho incomparável, sem paralelos em todo o estado de São Paulo e mesmo no Brasil. Com a sensibilidade de poeta, muita sabedoria e a integridade de um homem de teatro, estabeleceu o chamado *Teatro Iniciação*, pelo qual passaram milhares de pessoas, que puderam vivenciar essa experiência única que é fazer teatro e se formar enquanto pessoa por meio dele.

Implantou a *Mostra de Teatro de Sertãozinho* que, de evento local e regional, tornou-se nacional e internacional, ponto obrigatório para todos os grupos que se projetavam na cena nacional. O festival segue vivo, agora em sua 38ª edição.

Escreveu e encenou – muitas vezes como ator além de diretor – quase 40 textos teatrais, compondo uma produção dramática rara e de altíssima qualidade. Publicou cinco livros de poesia e participou de

várias antologias poéticas. Enfim, um ser humano que realizou todas as suas potências e que contribuiu, e continua contribuindo, para a formação humanista de muitas pessoas.

Mas, para além de tudo isso – se é que é possível ir além – este poeta jamais perdeu a capacidade de sonhar, crer, ter esperança, sensibilizar-se e encantar com seus casos únicos, narrados em voz baixa e matreira.

Este grande artista permanece um homem verdadeiramente simples no viver e no falar, ao lado de sua esposa, filhos e netos, cultivando a poesia na alma de muitos jovens e doando-se sem cansaço, como vela que brilha neste mundo escuro de desumanizações.

Este Américo, que certamente desbravou novos mundos e territórios da alma, traz um **Rosário** em seu nome e vive a sua vida como verdadeira oração, pois sabe perfeitamente que ser luz no mundo e sal na terra é a vocação maior de todos nós.



MAGNO BUCCI (1947-2025), UM IRMÃO DE SONHO! (*in memoriam*)

No ano de 1982, encontrei-me com Magno no porão do Teatro Municipal de Ribeirão Preto, onde ele ensaiava com o pessoal do teatro a peça *Romeu e Julieta*. Ao final do ensaio, ele olhou para mim e perguntou se eu faria parte do trabalho. Quando respondi que sim, ele me jogou – delicadamente – o texto de longe e disse algo como: “Espero que você não saia do grupo.”

Daquele momento brotaram 14 anos de sonhos, companheirismo e realizações. Um encontro raro na vida, daqueles traçados pelo destino e pela necessidade maior que se impõe em determinado tempo e lugar.

Nascia a *Agnosarte Núcleo Teatral*, que se tornou um verdadeiro celeiro

e escola para muitos jovens artistas que, unidos pelo desejo coletivo de encantar o mundo pela arte teatral, realizaram inúmeros espetáculos; desenvolveram oficinas; participaram e lideraram movimentos artísticos; ajudaram a tombar o Teatro Pedro II; fizeram temporadas em São Paulo e se apresentaram em mais de 60 cidades pelo país com trabalhos de envergadura como *Prometeu Acorrentado*, *Mockingpott*, *O Médico à Força*, *Pau Brasil na Cabeça Dele* e *Dom Quixote*.

Magno sempre esteve no leme da direção artística com sua precisão e limpeza, verdadeira elegância de cena. Sempre aberto à experimentação e ao novo, trouxe para o grupo raízes e fundamentos essenciais para o teatro. Amplo em suas abordagens políticas e sociais, jamais se deixou seduzir por ideologismos ou partidarismos, compreendendo sempre a função maior da arte na formação humanista e na ampliação dos horizontes socializadores.

Antes desse encontro de 1982, Magno já havia se formado em Pedagogia e cursava mestrado em Arte-Educação na ECA-USP, onde alcançou o doutorado, abrindo-lhe as portas para ser professor da Universidade Federal de São Carlos por muitos anos. Também havia iniciado, em 1978, a formação do *GUT – Grupo Universitário de Teatro* – junto à UNAERP, grupo que existe até hoje e se tornou o mais antigo grupo universitário de teatro no Brasil, com espetáculos memoráveis como *Cândido* de Voltaire, coletâneas de Martins Pena, *A Garota do Gangster* e tantos outros.

Sempre ativo, nunca parou de trabalhar. Realizou muito não apenas como diretor, arte-educador e professor teatral, mas também como escritor, dramaturgo, coordenador cultural do Centro Cultural Vergueiro, em São Paulo, dedicando-se especialmente ao desenvolvimento do Teatro Infantojuvenil e ao aprimoramento da linguagem cênica de corais.

Pouco espaço para alguém tão grande – grandeza que já trazia no nome, coisas do destino.

Abaixo, um poema de Bertolt Brecht que foi para ele – e para muitos de

nós continua sendo – um mote, um lema, um norte:

HÁ HOMENS QUE LUTAM UM DIA E SÃO BONS.

**HÁ HOMENS QUE LUTAM MUITOS DIAS E SÃO MUTO
BONS.**

HÁ AQUELES QUE LUTAM ANOS E SÃO MELHORES.

**MAS HÁ HOMENS QUE LUTAM TODA A VIDA E ESTES SÃO
OS IMPRESCINDÍVEIS!**

VIVA MAGNO BUCCI, ESTE HOMEM IMPRESCINDÍVEL! EVOÉ!

FICHAS TÉCNICAS DOS ESPETÁCULOS

Um conto de flautas e corações

Texto – Américo Rosário de Souza

Direção Artística, criação de luz, iluminação e sonoplastia – José Maurício Cagno

Música Tema do Espetáculo – Lucas Eduardo da Silva Galon

Cenografia – José Maurício Cagno e Joubert Oliveira

Figurinos e maquiagem – atores

Adereços – Rosângela A. de Souza Vicentini e Solimar Di Giovanni Isola

Atores – Clair José Batista Pinheiro, Claudete Burlandi Feijó, Claudia Aparecida Arcari Silva, Denise Bitar Prata Lima, Denise de Escobar Garcia, Edna Ofelia da Silva Dias, Henrique Cárcamo, Leticia Adriazola, Luciana Rorigues, Luciana Cosentino Rocha, Marcos Cesar da Paz, Olides

Fernandes de Azevedo Mello, Rafael Bellizzi Zeri, Renato Marcelino da Silva, Rosangela A. de Souza Vicentini, Rosiane Gouveia Menezes Borges, Solimar Di Giovanni Isola e Vera Lucia Giovanini

Produção – Joubert Oliveira e Leticia Adriazola

Alice no país das maravilhas

Texto – José Maurício Cagno (Adaptação do original de Lewis Carroll)

Direção artística, criação de luz, iluminação e sonoplastia – José Maurício Cagno

Assistente de direção – Luana Terçariol

Adereços e máscaras – Joubert Oliveira

Figurinos – José Maurício Cagno e Joubert Oliveira

Maquiagem – atores

Produção – Joubert Oliveira e Leticia Adriazola

Atores – Alicia da Conceição de Souza, Ana Laura Castro Costa, Antonela de Souza Ferreira Botti, Dandara Quintano Ferreira, Felipe Guerra, Gabriele Ghirardelli Santos, Inara Araujo dos Santos, Júlia de Almeida Scozzafave Ribeiro da Rocha, Kauany Beatrice Borges da Silva, Manoela Gouveia Borges Pinheiro, Melissa Oliveira Granger, Milena Souza Gomides, Pedro Arruda Moreia Roberto e Pietra Santos Davoglio

Morte e vida severina

Texto – João Cabral de Melo Neto

Direção artística, cenografia, criação de luz, iluminação – José Maurício Cagno

Assistente de direção e preparadora corporal e vocal – Gracyela Gitirana

Música - FA-MILLE-A LABORATUQUE

Organologia e lutheria – Deva Mille

Supervisão musical – José Gustavo Julião de Camargo e Lucas Eduardo da Silva Galon

Figurinos – José Maurício Cagno, Núbia Melo e Jeysie Sanches

Costureira – Núbia Melo e Jeysie Sanches

Maquiagem – atores

Produção – Joubert Oliveira e Leticia Adriazola

Atores – Carlos Eduardo da Silva Pedro, Darielis Magalhães Cordeiro, Isadora da Silva Gomes da Costa, Joaquim Canato Franchi Vasconcelos, Leonardo Cardoso de Faria, Luana Delmônico Terçariol, Maria Eduarda Coutinho da Cruz, Maria Fernanda Minutti Teixeira, Maria Laura Brito Guirão, Osmar Brites Júnior, Sabrina Camargo Uzueli, Sthefani Passos Pereira e Taiane Cris Campos

Equipe gestora

Dulce Neves **presidente e coordenadora geral**

Lucas Eduardo da Silva Galon **vice-presidente e consultor artístico**

Luciana Rodrigues **tesoureira e coordenadora administrativa**

Letícia Adriazola Cáceres **secretária e assistente de produção**

José Gustavo Julião de Camargo, Edgar de Castro e Ram Horizonte

Seixas Betancourt **conselheiros fiscais**

ALMA - Academia Livre de Música e Artes

www.almarp.com.br

www.facebook.com.br/almaribeirao

www.instagram.com/alma_ribeirao



Patrocínio Ópera



Patrocínio Sinfonia



Patrocínio Suite



Patrocínio Ária



Parceiros



Apoio



Prefeitura da Cidade de
RIBEIRÃO PRETO

Secretaria
da Cultura e Turismo



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

